

«Tomando sempre novas qualidades»

50 anos CTA

Amanhã no Seminário de S. Paulo, às 15h, vamos ter a terceira conversa sobre o percurso da Companhia de Teatro de Almada. Esta conversa é dedicada ao período 1988-2006 (*O primeiro Teatro Municipal*). Teresa Albuquerque moderará o colóquio em que interveem Sérgio Taipas e Vítor Gonçalves. A entrada para o Seminário de S. Paulo faz-se pela Rua Dom Álvaro Abranches da Câmara, nº 1, e é possível estacionar no interior.



Teresa Gafeira e António Assunção com alguns elementos da CTA (Fevereiro de 1988)



O canto do cisne está em cena na Sala Principal do Teatro Municipal Joaquim Benite até ao próximo domingo

Se é verdade que, no canto de um cisne, ressoa um prenúncio de morte, Clara Andermatt, no espectáculo de dança que traz ao Festival de Almada, procura não um fim último, mas um contínuo de movimentos, expressando verdadeiros sinais de vida.

O canto do cisne, uma das últimas coreografias do Ballet Gulbenkian, antes da sua extinção, regressa agora, revisitado, reunindo a sua equipa artística original, com Vítor Rua a criar variações a partir do tema principal, de Camille Saint-Saëns.

Ao reler a sua própria coreografia, de 2004, Andermatt faz do regresso ao passado uma âncora neste presente que aponta o fu-

turo; poder-se-ia falar de um conjunto de corpos em permanente metamorfose, criando uma ponte entre as memórias vividas (esta herança cultural que permite continuar sem esquecer do antes de nós) e o presente em constante renovação da linguagem e do próprio passado, também em rememoração. Por isso, aqui, a morte adquire necessariamente um significado outro: nunca um fim, mas uma metamorfose.

Diz-se que o cisne, ao perceber a sua derradeira hora, assume, na sua angústia, a vontade, necessidade, de um último canto. Assim também o ser humano: antes do fim, a angústia de regressar a um passado, fá-lo desejar uma última acção: à beira da morte, há, sem

excepção, lugar para um último pedido. Clara Andermatt lembra as palavras de Peggy Phelan, uma das fundadoras da *Performance Studies International*: “Quando pensas que encontre a forma de amar, de observar ou de lembrar alguém, já tudo mudou”.

Como no soneto camoniano, tudo se toma sempre de novas qualidade e é esta ideia de mudança constante, nascida da consciência de que nada se cristaliza, que, neste espectáculo, nos transporta para uma necessidade permanente de renovação da linguagem, neste caso específico, a linguagem, por excelência, do movimento, da metamorfose e que deles não se pode isentar: a dança. | **Pedro Barros**

Acesso ao Restaurante

Segundo as normas emitidas pelo Conselho de Ministros de 8 de Julho, “nos municípios de risco elevado e muito elevado, às sextas-feiras a partir das 19h00, ao fim-de-semana e aos feriados, o funcionamento de serviço de refeições no interior dos restaurantes apenas é permitido a clientes portadores de Certificado Digital COVID da União Europeia ou teste negativo”. Os menores de 12 anos estão dispensados desta obrigação. Nestes períodos, pedimos aos espectadores que aguardem à porta do Restaurante do TMJB (no segundo andar, acesso pelas escadas ou pelo elevador) para serem por nós encaminhados para o seu lugar.

50 ANOS DE PLATEIA

Em Almada vive-se com o teatro



© Luana Santos

João Bernardo, 27 anos de plateia

Fui criado em Almada: curiosamente nasci praticamente na mesma rua onde está o TMJB (talvez não haja coincidências). Em 45 anos de vida, foram poucos aqueles em que não assisti a peças desta Companhia. Almada 'ensinou-me' a ver teatro — com a escola, ou a título pessoal —, quer no Teatro António Assunção (actor que tantas vezes vi em cena, e tantas vezes se sentou ao meu lado nas plateias), quer nos palcos do Festival.

Almada é, sem dúvida, "A" capital do teatro em Portugal. Frequento o Festival como assinante desde os 18 anos: mais de metade dos meus meses de Julho foram ocupados a ver teatro de grande qualidade. Oportunidades únicas para ver companhias nacionais e internacionais que de outra forma não teria conhecido: recorde criações marcantes, como o *Pinóquio* dos La Troppa, ou as peças da já extinta Cornucópia.

Os 50 anos da Companhia têm-me

permitido abrir fronteiras, conhecer autores, atores, textos e diferentes formas de assistir às grandes peças que foram passando por Almada. Ao meu lado nas plateias, lembro-me de ter como companheiros José Saramago ou Eunice Muñoz — razões de sobra para celebrar Almada, para celebrar a CTA, e acima de tudo para celebrar o Teatro nesta minha cidade, que há mais de 30 anos se abre ao mundo em julho. E durante os restantes meses, há 50 anos que se abre ao país sempre com criações de qualidade, com linguagens novas e diferentes.

Entretanto, com dois filhos, o testemunho está a ser passado, e já não me chegam os dedos das mãos para contar os domingos de manhã que passámos sentados na Sala Experimental a sonhar com novos mundos. Por tudo isto Obrigado ao Teatro, Obrigado a Almada e Obrigado a esta Companhia: a minha Companhia de uma vida!

Testemunhar a experiência humana



© Luana Santos

Ontem, no Colóquio na Esplanada, Chico Diaz expressou o contentamento por poder trazer o espetáculo *A lua vem da Ásia* e apresentá-lo em Almada para o público português, neste panorama e nestes tempos, com uma personagem tão cheia de vida e tão libertadora na sua escrita, na sua vontade de testemunhar a experiência humana a gritar a alegria de estar vivo. Referiu o empenho em dar a conhecer um texto fundamental do romancista Campos de Carvalho, praticamente desconhecido, tanto no Brasil como na Europa, e que através das suas personagens expõe os limites da lucidez e da loucura, da liberdade e da prisão. Atualíssimo para os tempos

que correm, porque fala de confinamentos e discute as possibilidades de fuga, chegando à conclusão que é pela memória, pelos afetos, pelo imaginário e pela criação.

Numa conversa generosa e rica, o aclamado ator brasileiro de teatro, cinema e televisão falou do ofício de ator e da necessidade desse ofício ser reconhecido e respeitado, pela grande responsabilidade que sustenta na representação dos seus semelhantes. Realçou a exemplaridade do Festival de Almada, pela apresentação de tantos trabalhos interessantes e pela comunidade fiel que aplaude e reflete, através dos espetáculos, um entendimento mais profundo do espírito humano. | **Helena Simões**

O FESTIVAL VISTO DE FORA Almada, a grande referência

O Festival de Almada logrou converter-se num exemplo daquilo que deve ser a programação de uma mostra cénica. Com um orçamento muito curto, combina grandes figuras do teatro com pequenas jóias ocultas, para além de servir de suporte às companhias nacionais e aos artistas emergentes portugueses.

Este ano, algumas das figuras que passarão por aquele que talvez seja o festival de referência da Península são: Irene Bonnaud, Ivo van Hove, Édouard Louis, Josef Nadj, Viviane de Muynck, Jan Lauwers e Monica Belluci. | **Manuel Xestoso, crítico de teatro galego**



AGENDA DE AMANHÃ

15:00

Encontros da Cerca: 50 anos da Companhia de Teatro de Almada
Seminário de S. Paulo

15:00 e 20:30

Fake
Fórum Romeu Correia

15:00 e 20:30

Discurso sobre o filho-da-puta
Teatro-Estúdio
António Assunção

18:00

Um gajo nunca mais é a mesma coisa
Sala Experimental do TMJB

20:30

O canto do cisne
Sala Principal do TMJB

20:30

Rebota rebota y en tu cara explota
Academia Almadense

20:30

A Lua vem da Ásia
Incrível Almadense

RESTAURANTE
DO THEATRO

HOJE

Fusili com salsicha picante
Salada de feijão frade

AMANHÃ

Frango à Moda Marroquina
Maionese de pescada

Teatro Municipal Joaquim Benite
Av. Prof. Egas Moniz • Almada